

BATALHA DE TANGA*

CARLOS RENATO **DUQUE XAVIER****
Guarda-Marinha (AFN)

JOSÉ ANTÔNIO **SCHELCK ESTEFANELLI*****
Guarda-Marinha (AFN)

ROBSON FERNANDES **NOGUEIRA******
Guarda-Marinha (AFN)

SUMÁRIO

Introdução
Ambiente estratégico
Ambiente operacional
Ambiente tático
Desenvolvimento da batalha
Análise
Conclusão
Consequência

INTRODUÇÃO

No início da Primeira Guerra Mundial, a supremacia sobre quase todos os oceanos e grande parte do continente africano pertencia ao Império Britânico e à França. No entanto, era imperioso apreender todas as colônias ale-

mãs existentes na África, o que fora realizado com pouca resistência, exceto com a área da África Oriental alemã, compreendida por Tanzânia e Ruanda-Burundi, mais precisamente na cidade de Tanga, a qual dá nome à Batalha.

No período de 2 a 5 de novembro de 1914, numa tentativa frustrada, os

* N.R.: Trabalho apresentado no Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC) – Curso de Formação de Oficiais.

** Serve na Base de FN da Ilha do Governador.

*** Serve no CIASC.

**** Serve no Comando da Tropa de Reforço.

britânicos decidiram enviar uma expedição liderada pelo General Arthur Edward Aitken, chamada Força Expedicionária Indiana B. Essa Força era composta de 8 mil indianos reunidos às pressas e embarcados em Bombaim (Índia), em sua maioria, soldados sem adestramento militar adequado, comandados por oficiais que não os conheciam e nem conheciam a região em que iriam operar,

apoiando-se apenas em velhos mapas rasgados de atlas escolares.

O objetivo de capturar o porto de Tanga era primordial aos britânicos para desembarcarem novas tropas e suprimentos e, assim, facilmente avançar para o Sul e conquistar o restante da colônia alemã.

Nesse ínterim, o comandante alemão reuniu todos os reforços que podia, cerca de 1.100 homens, e enviou-os rapidamente para a área, usando a ferrovia, para impedir o desembarque do inimigo.

Ao contrário do que se imaginava, o General Arthur Aitken decidiu desembarcar as suas tropas a poucos quilômetros ao sul do porto e a partir daí tomar a cidade por terra. O despreparo e a falta de conhecimento do terreno tornaram essa empreitada totalmente desfavorável, uma vez que os soldados tiveram que atravessar a selva africana, região extremamente hostil, sofrendo diversas emboscadas dos *askaris* – soldados africanos nativos.

O Assalto Anfíbio lançado contra essa cidade pelos britânicos, repellido pelas tropas do Tenente-Coronel Paul Emil Von

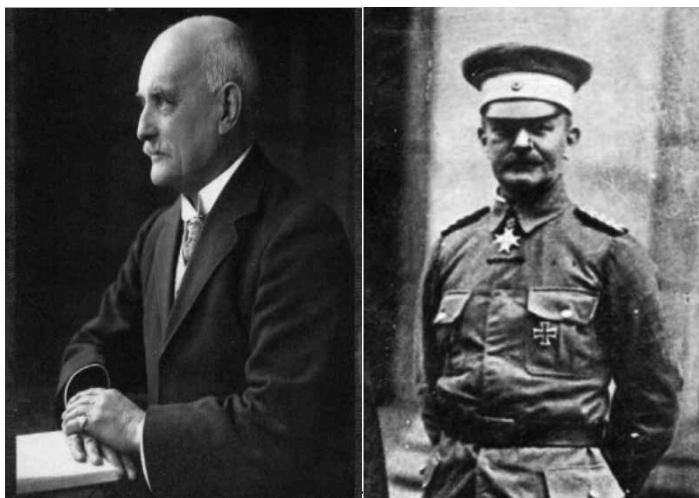


Figura 1 – General Arthur Aitken (esquerda) e Tenente-Coronel Von Lettow-Vorbeck (direita)

Lettow-Vorbeck, que souberam se lançar à frente e realizar ataques de contraguerrilha, converteu-se na maior batalha da Primeira Guerra Mundial em solo africano, pois a intenção dos alemães era prolongar a guerra na região tanto quanto possível, forçando assim os britânicos a desviarem muitas forças que, caso contrário, poderiam estar lutando contra a Alemanha na Europa.

AMBIENTE ESTRATÉGICO

Contexto estratégico inglês

Na África Oriental britânica, na região do Quênia, os militares regulares não estavam melhores que seus vizinhos, os equipamentos eram obsoletos e seus *askaris*, Reais Fuzileiros Africanos, não tinham o mesmo treinamento, por receio dos colonos em munir os nativos de armas que pudessem ser usadas contra eles e/ou que aqueles perdessem o respeito pelos brancos.

Assim, os britânicos decidiram enviar a Força Expedicionária Indiana B, liderada pelo General Arthur Aitken, com o efetivo

de 8 mil soldados indianos, que, despreparados para um conflito bélico, foram reunidos às pressas e embarcados em 14 navios, protegidos por dois cruzadores.

Com os britânicos ávidos pela conquista, seu plano era de que um dos exércitos atacasse os alemães na área do Kilimanjaro (Força Expedicionária Indiana C), enquanto o outro exército (Força Expedicionária Indiana B) faria um desembarque anfíbio em Tanga.

Contexto estratégico alemão

Localizada mais ao norte da Tanzânia, próxima ao Monte Kilimanjaro e fronteira

com o Quênia, a cidade de Tanga revestiu-se de grande valor estratégico para a região principalmente por ser terminal, junto ao Oceano Índico, de uma das ferrovias Leste-Oeste da colônia, que ligava outro terminal, Moshi, por onde escoava toda produção e riqueza.

A colônia possuía muitas escolas para negros, e o grau de alfabetização na África Oriental alemã era maior que o de qualquer país no continente africano, o que contribuía, sobremaneira, para o apoio da população, inclusive com a participação de seus soldados *askaris*, para resistir e defender o país do ataque inimigo.

O Tenente-Coronel Paul Emil Von Lettow-Vorbeck, apesar de concordar que as chances em uma guerra colonial eram muito desfavoráveis à Alemanha, acreditava ser seu dever afastar da Europa o máximo possível de soldados inimigos dos teatros de operações da Primeira Guerra Mundial.

AMBIENTE OPERACIONAL

Contexto operacional inglês

Do ponto de vista britânico, a conquista do seu objetivo estratégico envolvia diretamente a cidade de Tanga, detentora de um importante porto marítimo, ponto chave tanto para o escoamento de produtos vindos do centro da colônia, por meio da Ferrovia Usambara, quanto para o reabastecimento futuro da Marinha Real Inglesa na região. Por esse motivo, a conquista e o controle dessa cidade eram prioridades daquela campanha militar.

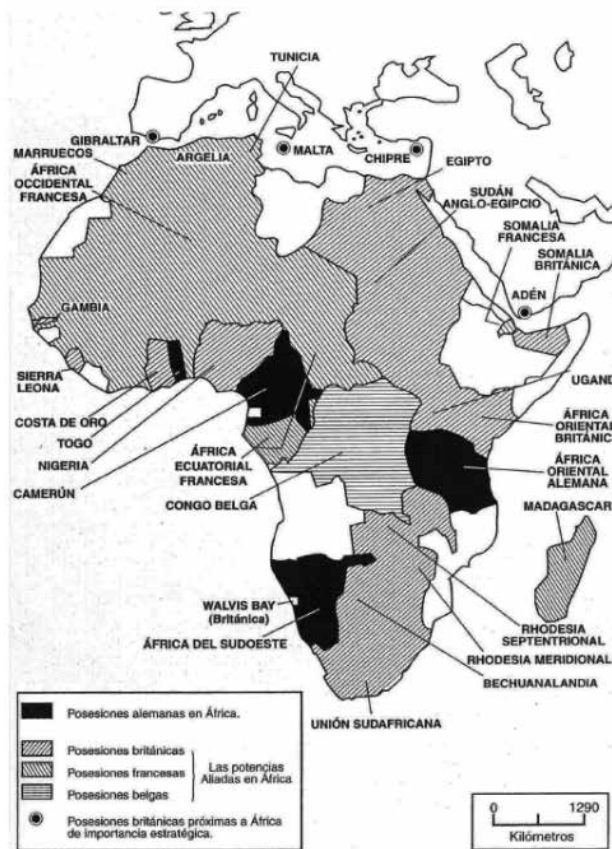


Figura 2 – Mapa do continente africano

Com esse intuito, as autoridades inglesas planejaram uma operação composta por três fases: Na primeira, empregar a Força Expedicionária Indiana B (Indian Expeditionary Force – IEF B), objeto do presente estudo, para a realização de um Assalto Anfíbio, a fim de conquistar e manter Tanga, ponto vital para o prosseguimento da campanha; a segunda fase seria conquistar a área próxima ao Monte Kilimanjaro com a Força Expedicionária Indiana C (Indian Expeditionary Force – IEF C), visando manter o controle da estrada de ferro; e, finalmente, avançar em duas frentes, encurralando a defesa alemã.

Contexto operacional alemão

A relação mar, comércio e desenvolvimento sempre foi, historicamente, importante para qualquer nação. Assim como os ingleses, os alemães compreendiam a importância de manter aquela região sobre o seu domínio. Tanga, fundada como um posto militar pelos alemães em 1889, tornou-se a sede de um escritório do distrito da Alemanha Oriental no mesmo ano e, mais tarde, o maior porto na parte norte da colônia alemã, localizada a cerca de 80 km da fronteira sul do Quênia, que pertencia aos britânicos, e também ponto final da Estrada de Ferro Usambara. Por esses motivos, a cidade de Tanga era conhecida como “a porta para a exportação”.

O Tenente-Coronel Paul Emil Von Lettow-Vorbeck, autoridade militar alemã



Figura 3 – Representação dos principais pontos envolvidos na Batalha

responsável pela defesa da colônia, previa que um ataque inglês, se anfíbio, seria em Dar Es Salaam ou em Tanga. Com isso, resolveu deixar parte da Força em Tanga, mas com a possibilidade de ser ajustada rapidamente pelo restante dela, que se concentrava na região do Monte Kilimanjaro, com a finalidade de impedir os acessos ao território alemão e, por sua vez, realizar incursões no território inimigo para cortar suas rotas de abastecimento, especialmente a Ferrovia Uganda.

AMBIENTE TÁTICO

Contexto tático inglês

A Força Britânica (IEF B) planejava, inicialmente, o desembarque junto ao porto nas praias próximas à cidade, que, por sua vez, ofereciam boas condições para tal ação. Essas condições, somadas ao fato de o general inglês acreditar que encontraria pouca resistência inimiga, ou seja, pequenas patrulhas formadas por voluntários civis e policiais, parecia criar um ambiente

IEF B

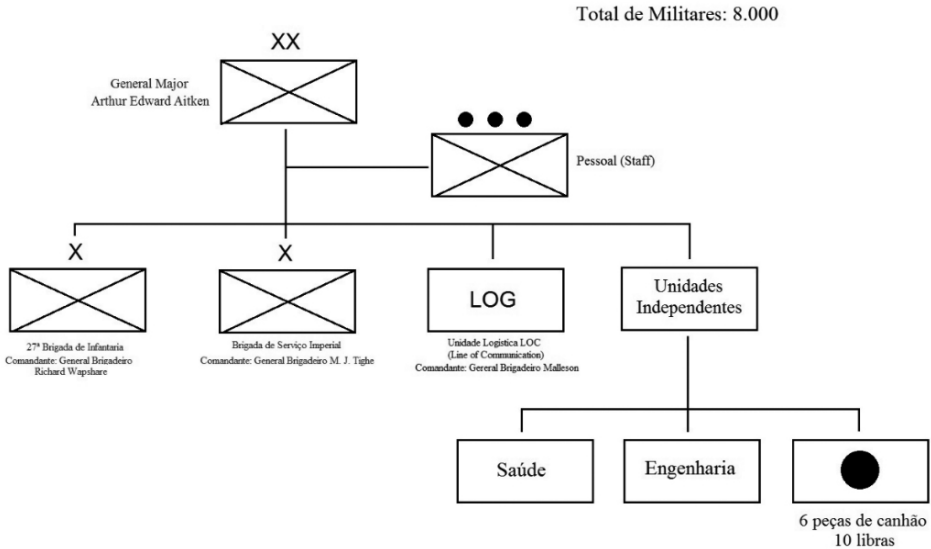


Figura 5 - Organograma da Força Britânica (IEF B)

favorável. Após o desembarque, a intenção inicial era isolar a população e tomar os principais edifícios da cidade, assumindo rapidamente o controle desta.

A IEF B, liderada pelo General Arthur Aitken, consistia de 8 mil soldados indianos transportados em 14 navios e protegidos por dois cruzadores britânicos, o HMS *Fox* e o Cruzador Auxiliar HMAMC *Laconia*. Essa força foi reunida às presas na Índia e

embarcada em Bombaim. A maioria dos soldados nunca havia disparado um tiro e era comandada por oficiais que não os conheciam e nunca tinham posto os pés na África. Mas era com essa tropa, e com o auxílio de mapas rasgados de velhos atlas escolares, que o Império britânico se preparava para tomar posse da África Oriental alemã.

O excesso de confiança levou o Exército britânico a desprezar o fator surpresa, pois realizou os movimentos da Força Expedicionária Indiana no porto de Bombaim sem qualquer preocupação com o sigilo – a ação foi relatada pela imprensa britânica. Com isso, semanas antes de chegar ao porto de Tanga, o Exército alemão estava ciente dos planos britânicos.

A conquista da Tanga era vital para os britânicos, que poderiam desembarcar novas tropas e



Figura 4 – Travessia da Força Expedicionária Indiana



Figura 6 - Foto do navio Britânico HMS Fox

por militares alemães, voluntários coloniais e residentes nativos (*askaris*), dividida em unidades de combate Feldkompanien (FK) formadas aproximadamente por 160 soldados, divididos em três pelotões (Züge) de 50 a 60 soldados cada um, incluindo quatro metralhadoras. No total, Von Lettow-Vorbeck

suprimentos para avançar facilmente para o Sul e conquistar o resto da colônia alemã.

tinha sob seu comando, em Tanga, aproximadamente 1.100 soldados.

Contexto tático alemão

Parte da Força defensora de Lettow-Vorbeck foi organizada ao longo do perímetro urbano, coincidindo com a linha férrea e os pontos chave que deveria proteger, criando uma forte posição defensiva por meio da ocultação da força, bons campos de tiro cerrado nas avenidas, preparação do

A organização militar colonial alemã, comandada pelo Tenente-Coronel Paul von Lettow-Vorbeck, denominada de Schutztruppe (Força de Proteção), foi formada

Total de militares: 1.100

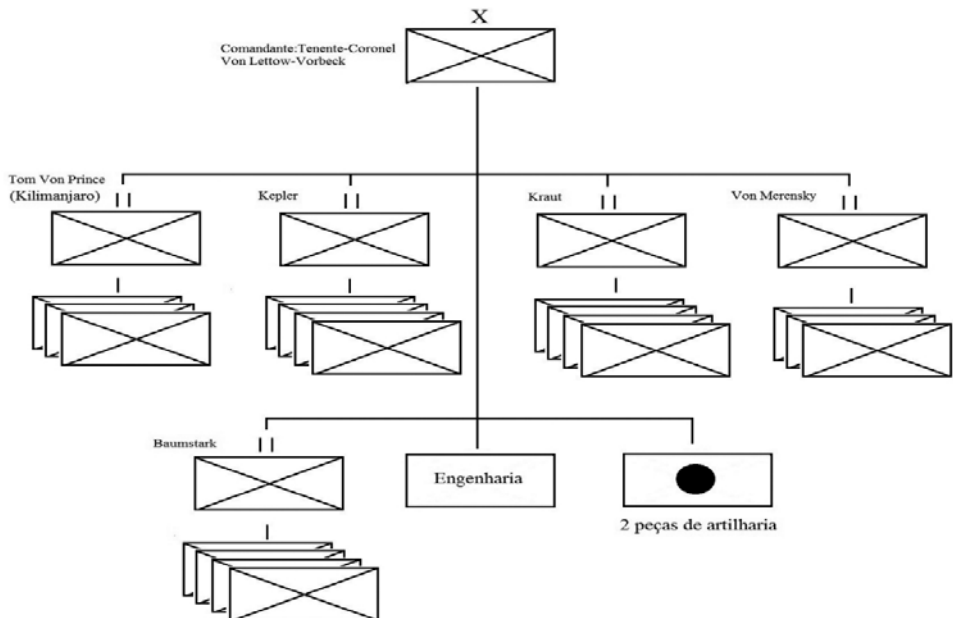


Figura 7 - Organograma das Forças alemãs na África Oriental alemã

Tabela 1- Quadro comparativo entre a Força Britânica (IEF B) e as forças alemãs na Batalha de Tanga

	Força Britânica	Força Alemã
Soldados	8.000	1.100
Metralhadoras Automáticas	16	4
Artilharia	6 peças de 10 libras	2 peças modelo 1873
Apoio de Fogo Naval	1 canhão de 6 polegadas do navio HMS <i>Fox</i>	Não Possui

terreno, lançamento de obstáculos, linhas de comunicação entre as posições e postos avançados que permitiam um alerta antecipado das posições inimigas, além de uma Companhia com fuzis Mauser 98, com seus integrantes atuando como franco-atiradores nos topos das árvores.

Lettow-Vorbeck ainda contava com o apoio do oficial da reserva Tomas Prince, que havia criado uma Força de voluntários. Tal Força foi enviada à região do Monte Kilimanjaro com a missão de atacar postos avançados britânicos, cortar linhas telegráficas e interditar a Ferrovia de Uganda.

DESENVOLVIMENTO DA BATALHA

Em 2 de novembro de 1914, a Força britânica, escoltada pelos dois cruzadores, chegou à área do objetivo anfíbio. Tomado de surpresa, o governador alemão decidiu não defender o porto e o declarou aberto, para impedir que este fosse bombardeado. No entanto, depois de ouvir a notícia, Von Lettow-Vorbeck decidiu ignorar as autoridades civis e defender o porto a todo o custo. Os britânicos acreditaram nesses rumores, o que fez com que Arthur Aitken se mantivesse hesitante, sem saber se deveria ou não desembarcar suas tropas, temeroso com a possibilidade de encontrar a área de

desembarque minada. Esse tempo foi fundamental para Von Lettow-Vorbeck reunir todos os reforços que ele poderia, ao todo 1.100 homens, e enviá-los rapidamente à área (usando a ferrovia), para impedir o desembarque do inimigo.

Algum tempo depois, o *Fox* aproximou-

-se do porto de Tanga para informar aos alemães que teriam uma hora para a rendição e a retirada da bandeira imperial da praça. Finalmente, o General Arthur Aitken, cansado de esperar e preocupado com as possíveis minas caso desembarcasse no porto, decidiu baixar a terra suas tropas a poucos quilômetros ao sul e a partir daí tomar a cidade.

No mesmo dia (2 de novembro), às 21h30, quase 24 horas depois da primeira aparição, os britânicos iniciaram o desembarque, que transcorreu durante toda a noite, na Praia Verde, sem a oposição da artilharia alemã. Porém sua decisão de atacar a cidade por terra foi um grave erro, uma vez que antes teriam que atravessar a selva africana, um *habitat* extremamente hostil aos soldados indianos, que tiveram de enfrentar os *askaris* alemães em contínuas emboscadas, que causaram pesadas baixas. O desembarque prosseguiu pelo restante da noite, mas as complicações impediram o da artilharia. Essa decisão fez com que o ataque aos arredores da cidade só ocorresse no dia 3 de novembro, já com uma força muito desgastada, o que facilitou a defesa por parte dos alemães. Às 3 horas da manhã do dia 4 de novembro, os alemães receberam alguns soldados para ajudar na defesa. Os britânicos, reforçados por militares que desembarcaram posteriormente, tentaram avançar com duas brigadas em

linha, sendo que uma delas com o objetivo de flanquear os alemães. Todavia, a mata era muito fechada, fazendo com que as unidades perdessem contato, o que dissipava o apoio mútuo, transformando os soldados em presas fáceis para os *askaris*, que os fulminaram a tiros de metralhadoras.

Mesmo assim, os britânicos conseguiram chegar à cidade de Tanga, contudo foram repelidos no dia seguinte por um contra-ataque alemão. Depois de várias tentativas frustradas de conquistar Tanga, os britânicos decidiram fazer uma pausa em sua ofensiva para se recompor e reorganizar suas tropas. Essa pausa foi utilizada por Von Lettow-Vorbeck para lançar um contra-ataque agressivo no flanco esquerdo, que causou grandes baixas aos indianos, provocando uma retirada desorganizada das tropas indianas para as praias, o que obrigou os britânicos a reembarcarem e deixar a área.

Os alemães fizeram um verdadeiro massacre nas tropas indianas. Estas foram também atacadas ferozmente por abelhas na mata, motivo pelo qual os ingleses chamam essa batalha de “Battle of the Bees” (“Batalha das Abelhas”).

Enquanto isso, a IEF C, acreditando que Von Lettow-Vorbeck ainda estava na cidade de Tanga, atacou a região de Kilimanjaro, entretanto não sabia que os *askaris* alemães se moviam com uma velocidade

tremenda (defesa móvel), já que tinham o domínio da linha ferroviária Usambara; mais uma vez, os ingleses foram expulsos. No dia 6 de novembro, Lettow-Vorbeck tinha pleno controle de Tanga.

Durante a batalha, o próprio Von Lettow-Vorbeck, de bicicleta, com o rosto enegrecido, entrou em Tanga sem problemas e se aproximou das linhas britânicas para ir até o telégrafo, onde recebeu do governador a ordem para não lutar ali, ordem esta que mais uma vez ignorou. Voltando do telégrafo, ainda realizou um reconhecimento, no qual descobriu que os seus homens estavam em desvantagem de 4-1. Essa vitória mostrou a grande capacidade de Von Lettow-Vorbeck como comandante militar, pois suas tropas eram superadas, na verdade, em uma margem de 8-1, e mesmo assim ele encontrou as condições favoráveis de atacar o inimigo, sendo sua ousadia recompensada com uma merecida vitória que lhe permitiu conquistar uma grande quantidade de armas e munições abandonadas pelos soldados britânicos na fuga para os navios.

Em vez de massacrar as tropas indianas em sua retirada, Lettow-Vorbeck lhes permitiu embarcar em seus barcos. Solicitou uma conferência com o General Aitken na praia, e este concordou de bom grado. Incrivelmente, os dois generais, como cavalheiros antigos, começaram a caminhar



Figura 8 - Forças alemãs

na praia e discutir a batalha, bebendo juntos uma garrafa de vinho *brandy*.

ANÁLISE

Analisando os eventos em ordem cronológica ao longo da batalha estudada, podem ser feitas as seguintes considerações.

Um fato fundamental observado nesta batalha foi o comando único do General Arthur Edward Aitken (Força Expedicionária Indiana B) no ataque ao porto de Tanga e a Força Expedicionária Indiana C sob o comando do General James Stewart, com mais de 1.500 homens que avançariam entre o Lago Victoria e o Monte Kilimanjaro com a intenção de tomar a junção entre Moschi e Longido. Isso facilitou o comando e o controle da operação e a sincronia de todas as forças britânicas que participaram dela.

Entretanto, o excesso de confiança levou o Exército britânico a desprezar o fator surpresa, pois realizou os movimentos da Força Expedicionária Indiana no porto de Bombaim, sem qualquer preocupação com o sigilo, inclusive com notícias na imprensa britânica. Com isso, semanas antes de sua chegada ao porto de Tanga, o Exército alemão estava ciente dos planos britânicos.

Os britânicos apresentaram-se primeiro no Cruzador *Fox*, cujo comandante, F.W. Caulfield, foi a terra parlamentar com as autoridades alemãs, solicitando a rendição da cidade, o que foi, previsivelmente, recusado. Só depois a frota que transportava o corpo se aproximou para proceder ao desembarque das tropas. Tanta cortesia apenas serviu para alertar os alemães, cuja guarnição era ínfima em comparação com os invasores. Mesmo mobilizando as reservas que chegaram rapidamente à cidade transportadas pela via férrea, o que facilitou a preparação da defesa, do lado alemão os efetivos nunca ultrapassaram os 1.100 homens naquela região.

Fatores de decisão

Contexto inglês

Missão

Capturar o porto de Tanga para o desembarque de novas tropas e suprimentos para, assim, facilmente avançar para o Sul e conquistar o restante da colônia alemã.

Inimigo

A Força alemã comandada pelo Tenente-Coronel Paul von Lettow-Vorbeck, denominada de Schutztruppe (Força de Proteção), formada por militares alemães, voluntários coloniais e residentes nativos (*askaris*), divididas em unidades de combate Feldkompanien (FK) formadas aproximadamente por 160 soldados, divididos em três pelotões (Züge) de 50 a 60 soldados cada um, incluindo duas metralhadoras. No total, Von Lettow-Vorbeck tinha sob seu comando em Tanga aproximadamente 1.100 soldados.

Terreno

Floresta densa, pântanos e terrenos irregulares na parte mais ao sul da cidade.

Meios

8 mil soldados, 16 metralhadoras automáticas e seis peças de artilharia de 10 libras e dois cruzadores.

Tempo

Não observado.

Contexto alemão

Missão

Prolongar a guerra na região tanto quanto possível, forçando assim os britânicos a desviarem muitas forças que, caso contrário, poderiam estar lutando contra a Alemanha na Europa.

Inimigo

A Força britânica comandada pelo General Arthur Edward Aitken e composta por 8 mil soldados, 16 metralhadoras automáticas e seis peças de artilharia de 10 libras.

Terreno

Floresta densa, pântanos e terrenos irregulares na parte mais ao sul da cidade, de conhecimento das tropas aliadas.

Meios

1.100 soldados, quatro metralhadoras automáticas e duas peças de artilharia modelo 1873.

Tempo

Não observado.

Estilos de condução dos conflitos

Contexto inglês

A Força britânica se valeu da guerra de atrito, com a virtude de prevalecer-se do princípio de massa, pois atacou em uma proporção de 8-1. Considerando a possibilidade que a cidade de Tanga fosse conquistada sem qualquer oposição ou com defesa mínima, fez com que não houvesse um planejamento detalhado, além de imaginar que as tropas estariam mal adestradas.

Contexto alemão

A Força alemã se valeu da guerra de manobra, com virtude de saber fazer uso dos poucos meios, já que estavam em desvantagem numérica. Com isso, utilizou sabiamente a ferrovia, que lhe permitiu um fluxo contínuo de movimento de tropas e suprimentos e também estabelecer o hospital nas imediações da estação ferroviária, o que facilitou a evacuação de mortos e

feridos. Fazendo uso de tropas com moral elevada e bem adestrada, Von Lettow-Vorbeck adotou a defesa móvel e, quando houve oportunidade, realizou um contra-ataque pelo flanco da Força britânica, obrigando, assim, a retirada dos inimigos.

Trabalho de inteligência

A inteligência britânica provida às tropas de assalto era muito ineficiente. As informações sobre as defesas alemãs eram obsoletas – houve dificuldades de se afirmar se o porto estava minado, o que era falso, e de informar as condições topográficas ao redor da área de desembarque. Não foram realizados um pré-reconhecimento do acesso às praias, nos itinerários de progressão e nas prováveis posições das forças alemãs e nem um mapeamento da área.

As informações atualizadas sobre o inimigo e o terreno eram dadas por meio de envio de patrulhas de reconhecimento ou patrulhas de combate, a fim de realizar contato direto com inimigo.

Entretanto, o serviço de inteligência de Lettow-Vorbeck, baseado em uma rede de agentes negros que cruzavam regularmente a fronteira, era bastante satisfatório. Ele sabia que os indianos estavam a caminho. Sabia por onde chegariam. Todavia não sabia por onde atacariam.

Os fatores não considerados pelos britânicos

1) A existência de rebeldes da tribo dos hereros, os quais foram perseguidos pela tribo dos namas e massacrados pelos alemães anos antes.

2) As tropas aliadas, oriundas da África do Sul, de modo a fazer com que os defensores alemães lutassem em mais frentes de batalha.



Figura 9 – Sudeste do continente africano

3) Pensou-se que a cidade Tanga fosse conquistada sem qualquer oposição ou com defesa mínima – com isso não haveria necessidade de um planejamento detalhado – e também que os negros estariam mal adestrados e que a vitória viria rápida, antes do Natal.

4) Os militares que não eram ingleses foram mal adestrados e receberam tratamento desigual, o que reduziu muito o moral da tropa.

Os fatores considerados pelos alemães

1) Von Lettow-Vorbeck compreendeu desde o início da batalha, que o centro de gravidade seria a estação ferroviária, que lhe permitiu, desde o começo, um fluxo contínuo de movimento de tropas e suprimentos e também o estabelecimento do hospital nas imediações da estação, o que facilitou a evacuação de mortos e feridos.

2) Von Lettow-Vorbeck concedeu o mesmo tratamento aos *askaris* (soldados negros – tribo dos namas) e aos europeus alemães. Logo, os militares locais recebiam os mesmos adestramentos, rações, armas e acessos a hierarquia.

A progressão britânica

A tentativa de avançar em consonância com as duas brigadas revelou-se impossível

devido à densidade da floresta e aos pântanos e terrenos irregulares, fazendo com que as unidades perdessem contato, corrompendo, assim, o apoio mútuo. Deste modo, o deslocamento dos ingleses foi lento, o que permitiu que o Exército alemão fosse reforçado, para sucesso da defesa local.

Aitken optou por progredir com as suas unidades pela selva – dois quilômetros da cidade – a fim de ocultar seu deslocamento pela vegetação, mas provou, na prática, ser aquele um terreno intransponível.

CONCLUSÃO

Apesar da inferioridade numérica do Exército alemão na proporção de 8-1, o moral das tropas locais era alto e estas estavam bem integradas com as forças alemãs. Ao contrário das tropas dos exércitos coloniais britânicos, mal pagos, mal alimentados e mal armados, e que recebiam um treinamento desigual, com separação entre os oficiais britânicos e as praças indianas, o que gerava moral baixo.

Os britânicos detinham a supremacia naval, já que o Império Alemão não tinha nenhuma embarcação no mar, nas colônias africanas, que poderia apoiá-lo na defesa de Tanga. No entanto, o Exército britânico, mesmo com dois navios, não recebeu apoio de fogo naval nas manobras das unidades terrestres. Isso porque havia o risco das forças alemãs terem instalado duas peças de artilharia modelo 1873 na região, o que poderia alcançar os navios britânicos ancorados.

Von Lettow-Vorbeck compreendeu a importância de manter o porto de Tanga e, assim, entendida a necessidade de concentrar todo o seu poder de combate sincronizado no espaço e no tempo, com o propósito de manter as colônias africanas do Império Alemão.

A operação anfíbia terminou com uma retirada anfíbia (desorganizada) devido



Figura 10 – Tropa alemã formada

à mudança de situação, que tornou impossível o cumprimento da missão. O planejamento do desembarque das descargas logísticas e do excesso de material desnecessário na praia – no momento da retirada estes foram deixados para trás –, permitiu que fossem fornecidos materiais e equipamentos ao Exército alemão. Ou seja, a retirada britânica fez com que o Império Alemão tivesse suas necessidades logísticas atendidas durante um ano.

A decisão de capturar um porto intacto, pelos planejadores aliados, seria necessária por questões logísticas, para dar suporte ao desenvolvimento das operações e porque o domínio marítimo era fundamental para os futuros desembarques e para o isolamento das tropas alemãs naquela região. Também foi constatado que o desembarque anfíbio ficaria comprometido quando não houvesse apoio de fogo naval e quando aquele fosse lento e sem ritmo.

CONSEQUÊNCIA

A vitória dos alemães revelou a utilização de combate de guerrilha contra-ataques convencionais, tornando Paul von Lettow-

Vorbeck um herói em seu retorno à Alemanha. Para os britânicos, Tanga significou a perda em combate de 800 mortos, 500 feridos e centenas de desaparecidos da Força Expedicionária Indiana e o abandono da tática de ocupar a África Oriental alemã, como já tinha funcionado em outras colônias, como Togo, Camarões, Namíbia e Nova Guiné.

O resultado, portanto, foi uma longa guerra de quatro anos na África Oriental, em que, pelo menos, o Exército colonial alemão manteve algumas forças britânicas desgastadas, mesmo sendo o inimigo superior.

Todas essas considerações (conclusão e consequência) serviram para elaborar as táticas que seriam usadas mais tarde nas operações de desembarque na África do Norte, Itália e Normandia.

Quem sabe quantas vidas foram economizadas em outros desembarques anfíbios como resultado das lições aprendidas em Tanga?



Figura 11 – Recepção do Tenente-Coronel Von Lettow-Vorbeck na Alemanha

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRAS>; Batalha; Forças Armadas da Alemanha; Forças Armadas da Inglaterra; Primeira Guerra Mundial;

BIBLIOGRAFIA

Boahen, Albert Adu – *África sob dominação colonial, 1880 – 1935*.

Byron, Farwell – *A Guerra Grande em África, 1914-1918* (W. W. Norton, 1986).

Giorgis, Luiz Ernani Caminha (2014) – *O Brasil na I Guerra Mundial - O Centenário da Grande Guerra*.

Weir, Willian (2010) – *50 batalhas que mudaram o mundo*.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Emil_von_Lettow-Vorbeck

http://wikipedia.qwika.com/en2pt/Battle_of_Tanga

<http://africa-1993.blogspot.com.br/2012/07/africa-na-1-guerra-mundial.html>

<http://herdeirodaecio.blogspot.com.br/2011/11/o-desembarque-de-tanga.html>

<http://www.numaboa.com.br/escolinha/historia-guerras/648-gm1-1914>

<http://www.portugalgrandeguerra.defesa.pt/Paginas/default.aspx>

<http://tropasearmas.xpg.uol.com.br/Schutztruppe-Paul-von-Lettow-Vorbeck.html>